

O Grande Livro das RUNAS

História, Tradição, Teoria, Prática e Magia Rúnica



EDRED THORSSON

Pensamento

O Grande Livro das
RUNAS

EDRED THORSSON

O Grande Livro das
RUNAS

História, Tradição, Teoria, Prática e Magia Rúnica

Tradução

Denise de Carvalho Rocha



Título do original: *The Big Book of Rune Magic*.

Copyright © 2018 Edred Thorsson.

Copyright da edição brasileira © 2022 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2022.

Obs.: Esta edição é uma coletânea de trechos reescritos e atualizados das obras *Futhark* (1984), *Rune-lore* (1987) e *Runecaster's Handbook* (1999).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revista.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Gerente de produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Adriane Gozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Thorsson, Edred

Grande livro das runas: história, tradição, teoria, prática e magia rúnica / Edred Thorsson; tradução Denise de Carvalho Rocha. – 1. ed. – São Paulo: Editora Pensamento, 2022.

Título original: *The big book of runes and rune magic: how to interpret runes, rune lore, and the art of runecasting*

Bibliografia.

ISBN 978-85-315-2171-3

1. Adivinhação 2. Magia germânica 3. Oráculos 4. Previsão do futuro 5. Runas I. Título.

21-86810

CDD-133.33

Índices para catálogo sistemático:

1. Runas: Oráculos: Artes divinatórias 133.33

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo – SP – Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editorapensamento.com.br>

E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br

Foi feito o depósito legal.

SUMÁRIO

Abreviaturas	7
Agradecimentos	9
Prefácio.....	11
Introdução	13

PARTE UM: CONHECIMENTO RÚNICO HISTÓRICO

Capítulo 1: Runas Antigas	19
Capítulo 2: Runas da Era Viking.....	45
Capítulo 3: Runas Medievais.....	63
Capítulo 4: História Rúnica Moderna	71
Capítulo 5: Revitalização Rúnica Contemporânea	85
Capítulo 6: Magia Rúnica Tradicional e Adivinhação	89
Capítulo 7: Códigos Rúnicos.....	107
Capítulo 8: Poemas Rúnicos.....	113



PARTE DOIS: CONHECIMENTO RÚNICO OCULTO

Capítulo 9: Tradição Rúnica Interior.....	135
Capítulo 10: Cosmologia Esotérica	163
Capítulo 11: Numerologia Rúnica	179
Capítulo 12: Psicologia Rúnica.....	187
Capítulo 13: Tradição Rúnica dos Deuses	195

PARTE TRÊS: A INTERPRETAÇÃO DAS RUNAS

Capítulo 14: No Poço de Urdr.....	221
Capítulo 15: Teoria Divinatória das Runas.....	225
Capítulo 16: Simbolismo Rúnico e Tabelas Divinatórias	231
Capítulo 17: Instrumentos para Lançar as Runas.....	271
Capítulo 18: Rituais de Lançamento das Runas	275
Capítulo 19: Métodos para Lançar e Interpretar as Runas	283

PARTE QUATRO: MAGIA RÚNICA

Capítulo 20: O Mundo das Runas	309
Capítulo 21: Fundamentos da Magia Rúnica	319
Conclusão	383
Apêndices.....	387
Glossário	399
Notas	405
Bibliografia	409



ABREVIATURAS

Todas as traduções do norueguês antigo, do inglês antigo e de outras línguas antigas apresentadas neste livro são do autor, que tentou encontrar um equilíbrio entre a tradução poética e a literal, dando, muitas vezes, preferência à literal, para facilitar o entendimento. Nesses casos, notas podem ter sido incluídas.

AEC	Antes da Era Comum (= a.C.)
EC	Era Comum (= d.C.)
GMC	Germânico
GO	Gótico
MS(S)	Manuscrito(s)
IE	Inglês Antigo
AAA	Alto-Alemão Antigo
NA	Nórdico Antigo
pl.	plural
sing.	singular





AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos vão para Paul Newell, Mitchell Edwin Wade, David Bragwin James, Robert Zoller, James Chisholm, Alice Rhoades, Anthony Looker, Ian Read, Ingrid Fischer, Adolf e Sigrun Schleipfer, Michael Moynihan, Ralph Tegtmeier e Michael A. Aquino.





PREFÁCIO

Este livro representa alguns dos melhores e mais populares trabalhos que realizei nos meus primeiros tempos como pesquisador e mago rúnico operativo. Ele contém uma destilação do conhecimento mais essencial que se pode ter sobre a tradição das runas. Se os seus interesses são amplos e variam desde informações históricas até aplicações práticas e efetivas do conhecimento rúnico, por meio da magia desses símbolos, então este livro será para você um recurso confiável.

Nas runas ou, na verdade, em qualquer forma abrangente e culturalmente autêntica de magia, existem basicamente quatro níveis de informação e atividade que os aprendizes devem conhecer e estudar. São eles: (1) conhecimento histórico básico; (2) conhecimento secreto ou esotérico; (3) conhecimento de como interpretar os símbolos; e (4) modo de usar as informações de forma prática e dinâmica. É preciso saber, compreender, ler e escrever o sistema em questão. O conhecimento histórico é internalizado e refletido para desenvolver quadros teóricos; depois, o mundo é interpretado ou entendido de acordo com essas ideias, para posteriormente se passar para o estágio de criatividade ativa nesse sistema. Este livro leva o aprendiz ao longo de todas essas fases, da maneira mais básica e fundamental. Por essa razão, seu conteúdo é dividido em quatro partes: conhecimento histórico, conhecimento oculto, interpretação das runas e magia rúnica.

Em muitos aspectos, este livro consiste numa republicação de obras anteriores, mas aproveitei a oportunidade para atualizar e expandir as ideias originais e deixá-las mais



condizentes com meu entendimento atual. Não fiz muitas mudanças, mas acrescentei algumas ideias e recursos novos que convém aprender.

O maior desafio deste novo livro foi manter o tom e o espírito dos textos originais. As obras originais, escritas no final dos anos 1970 e no início da década 1980, tinham certa energia que refletia meu estágio de desenvolvimento na época. Essa energia tem sido apreciada pelos meus alunos mais leais, ao longo dos anos, por isso tentei mantê-la ao definir o conteúdo deste livro. Uma das coisas mais interessantes sobre ter uma carreira de escritor que se estende por mais de quarenta anos é a capacidade de ver os diferentes tons e energias presentes em trabalhos anteriores e que ainda precisam ser aperfeiçoados e destilados, à medida que são utilizados em trabalhos posteriores, mas essa energia é uma espécie de patrimônio, o que seria uma pena perder.

Edred Thorsson
Woodharrow
20 de março de 2018





INTRODUÇÃO

Por muito tempo, temos observado, pelo lado de fora dos portões, nossos deuses interiores. Não nos foi negado o conhecimento desses deuses por causa de alguma transgressão irreversível; nós é que simplesmente viramos as costas para a verdade que eles expressam. Podemos nos voltar novamente para o seu poder radiante, mas apenas se conhecermos o mapa que nos conduz pelos caminhos dessa jornada. Esses caminhos são as runas – os mistérios da nossa caminhada – e as chaves para suas próprias dimensões ocultas.

Este livro é composto de quatro partes: o conhecimento histórico e o conhecimento oculto das runas, o conhecimento de como interpretá-las e o conhecimento de como “gravá-las” nas tramas deste mundo. Visto como um todo, este livro é um curso completo para a aquisição de um conhecimento ativo sobre as runas e seus usos. Esse processo começa com a aprendizagem da tradição histórica e objetiva das runas, desde a Antiguidade. A primeira parte desta obra consiste numa espécie de breve introdução à runologia. Depois que o conhecimento básico foi adquirido, o estudante de runas, ou aprendiz, passa para uma contemplação esotérica mais profunda do mundo simbólico, cosmológico e psicológico dos ancestrais. Isso o leva a um novo nível de consciência sobre o mundo simbólico que nos rodeia, sua origem e seu propósito. O próximo nível envolve o que foi chamado de interpretação das runas: ele inclui métodos do que é chamado de adivinhação, mas também requer que o aprendiz interaja, de forma ativa, com os símbolos das



runas e com os acontecimentos de sua própria vida. Antes que a criança fale, ela entende. Antes que escreva, precisa aprender a ler. As habilidades passivas são relativamente mais fáceis de usar que as ativas. Essas habilidades passivas também provocam, com menos frequência, possíveis repercussões negativas ou “consequências indesejadas”. Sabe-se que a magia funciona muito bem e muito rápido – antes até que o mago tenha tempo para desenvolver, na vida, as habilidades necessárias para lidar com esse sucesso. Portanto, aprender a interpretar as runas corretamente é um passo importante para o desenvolvimento equilibrado. Assim que dominar os exercícios de interpretação, o aprendiz passará para a escrita ativa, ou para a fase de “entalhe”, quando provoca uma mudança na própria estrutura do universo. Com as bases construídas, o sucesso é mais garantido.

Quando já estamos numa idade mais avançada, percebemos que cometemos um erro. Rejeitamos – lenta e não completamente com certeza, mas, mesmo assim, como povo, rejeitamos – a sabedoria dos nossos próprios deuses. Nenhuma “cura” extraordinária vai reverter essa rejeição da noite para o dia; nenhuma “graça” virá de Odin! Somente o nosso próprio esforço trará cada um de nós de volta a essa tradição há muito perdida. A essa árdua, porém nobre, tarefa, todos os esforços deste livro são dedicados.

Ainda que tenhamos perdido muito com nossos erros nos tempos antigos, perdemos ainda mais nos últimos anos, em razão de alguns esforços equivocados e míopes na “revitalização” dos velhos costumes do Norte. Repetidas vezes, revivalistas aspirantes rejeitaram a visão atemporal eterna e positiva do Mestre do Êxtase, em favor dos esquemas históricos limitados de ideologias negativas. Não é quem ou o que enfrentamos que nos define, mas quem e o que representamos. Um dos nossos trabalhos mais importantes é ajudar a moldar uma base filosófica para o crescimento dessa visão positiva de relevância atemporal, para que possamos convencer pelo exemplo e conquistar o mundo a partir de dentro. A transformação pessoal deve vir antes da transformação mundial.

Nos séculos XX e XXI, as runas foram usadas, muitas vezes, para o que pareciam fins políticos. Isso abrange desde os nazistas até o uso do “sinal da paz”, na década de 1960, até a utilização mais recente, por grupos de direita. As runas são, antes, símbolos sagrados de uma cultura arcaica, com valores e significados eternos. É esse significado eterno que os runólogos operativos de hoje procuram ativar na vida. Como tal, nos opomos a manter esses símbolos antigos como reféns das atuais disputas sem princípios, envolvendo política e sinalizando virtudes. As runas são poderosas e devem ser usadas com os propósitos para os quais vieram a este mundo.



As runas e a ideologia que abrangem servem a uma ampla variedade de fins, tanto por meios “diretos”, ou mágicos, quanto por caminhos mais intelectuais. Nos reinos mágicos, o trabalho com as runas é usado para a transformação pessoal, a expansão da consciência, o desenvolvimento psíquico, a cura, a investigação do Wyrð e a moldagem do ambiente de acordo com a vontade interior.

Enquanto no reino intelectual, tópico dos primeiros capítulos deste livro, a tradição e a sabedoria rúnica podem servir como estrutura mental para o desenvolvimento de uma nova filosofia baseada num padrão atemporal e expressa por meio de potente metalinguagem, muitas “tradições” tentaram construir essa tão bem-sucedida metalinguagem (e falharam), com uma gramática precisa e significativamente bela – por exemplo, o cristianismo e o islamismo e suas variantes culturais. Mas elas podem ser consideradas falhas por causa da fraqueza inerente em seus sistemas inorgânicos. Se você trabalhar com o sistema rúnico e torná-lo parte da sua vida, terá dado a si mesmo um presente que ninguém mais poderia lhe ter concedido: o conhecimento do *próprio eu* – único, porém parte de um todo. As runas servirão como linguagem com a qual você pode “conversar” com aspectos de si mesmo e, ao mesmo tempo, *comunicar* esse conhecimento aos outros, o que é um teste difícil, ainda que necessário, a qualquer compreensão verdadeira. Esse entendimento pode, então, ser levado a um novo nível e ativado, de acordo com sua vontade, para efetuar mudanças no mundo.

Precisamos não só entender as runas como os antigos as entendiam – isso é apenas o começo –, mas chegar a um *novo conhecimento* delas. Assim como elas nos transformam, nossa compreensão delas também deve se transformar. As runas estavam, estão e sempre estarão mudando e exigindo mudanças. Portanto, aqueles que desejam apenas reforçar seus preconceitos pessoais e têm pouco interesse nos poderes de transmutação inerentes às runas (ou até mesmo os temem) devem ser alertados agora. As runas descrevem uma estrada de metamorfoses, não uma torre de justificativas.

Como todas as coisas que valem a pena conhecer, esses mistérios são segredos renitentes (e ardilosos também). Muitas vezes, estão encobertos por um enigma, mas sempre dirão mais por meio desse enigma que se tivessem se expressado numa linguagem clara. Há pouca graça em seus personagens, e seu Mestre tem menos graça ainda. Mas é assim que *deve* ser. Qualquer um que diga o contrário deve, na realidade, ser um sacerdote de araque, pois ele diria a você que todo ganho pode ser obtido de bandeja, enquanto nós, odianos, sabemos muito bem que a verdadeira sabedoria precisa ser conquistada pela vontade humana. Essa vontade e a consciência humana que a acompanha são o único



dom verdadeiro – é a espada lançada diante da humanidade infantil, ainda no berço. É só com essa espada que nossos caminhos no mundo serão conquistados.

Este livro foi idealizado para facilitar o uso eficaz do intelecto, que molda e imagina, em conjunto com a mais recente e melhor erudição nas áreas dos estudos rúnicos e da história da antiga religião germânica. Ele contém um detalhado relato histórico do desenvolvimento das antigas tradições rúnicas e as maneiras pelas quais as runas foram usadas em outras eras. Esses dados históricos são combinados com investigações esotéricas sobre a natureza das próprias runas – a maneira como elas se relacionam umas com as outras – e nas esferas dos ensinamentos esotéricos da cosmogonia, da cosmologia, da numerologia, da psicologia (conhecimento da alma) e da teologia. Esse conhecimento é posteriormente ativado tanto na forma de habilidade para interpretar os mistérios que nos cercam quanto na de habilidade para imprimir nossa vontade no mundo em que vivemos. Espero que o conhecimento mais profundo das runas contido nas páginas deste livro abra caminho para uma compreensão mais ampla das runas e o ajude a despertar aquele grande deus adormecido dentro de você. Agora a voz desse deus pode ser apenas um sussurro, mas com conhecimento e força de vontade podemos despertá-lo, de modo que sua voz se torne um rugido. A partir daí, nosso domínio das runas será mais verdadeiro que nunca.



Parte Um



CONHECIMENTO RÚNICO HISTÓRICO

Capítulo 1

RUNAS ANTIGAS

(ATÉ 800 EC)

Este capítulo tem como objetivo fornecer ao leitor informações básicas sobre a história e o desenvolvimento das runas, desde os tempos mais antigos até cerca de 800 EC (ou começo da Era Viking), e inclui uma seção sobre as tradições frísias e anglo-saxãs que permaneceram depois desse período. Qualquer pessoa que inicie o estudo esotérico das runas precisa ter uma noção básica do contexto histórico dessa tradição. O conteúdo desta obra proporcionará a base desse entedimento; outras leituras e estudos certamente contribuirão para ampliá-lo. A maior parte das informações contidas na primeira parte deste livro foi extraída de trabalhos acadêmicos sobre runologia (veja a bibliografia). Os fatos e as interpretações exotéricas contidos nestas páginas servirão como introdução ao maravilhoso mundo da sabedoria rúnica, exposto em mais detalhes nas partes posteriores deste livro.

A palavra “runa”

A definição mais comum da palavra runa é: “uma das letras de um alfabeto usado pelos antigos povos germânicos”. Essa definição é o resultado de longo desenvolvimento histórico, cuja totalidade precisamos conhecer para poder avaliar quanto essa definição é incompleta. Quem estudar as runas com afinco e por tempo considerável vai descobrir que



essas “letras” são, na realidade, muito mais que sinais usados para representar os sons de um idioma. Elas são, de fato, autênticos *mistérios*, os verdadeiros “segredos do universo”.

A palavra “runa”, só encontrada nas línguas germânicas e celtas, tem etimologia um tanto quanto incerta. Existem, porém, duas etimologias possíveis: ela poderia derivar (1) do radical protoindo-europeu *reu-* (rugar e sussurrar), o que a conectaria com a parte vocal dos encantamentos mágicos, e (2) do radical protoindo-europeu *gwor-w-on-*, o que a conectaria com os deuses gregos e hindus antigos *Ouranos* e *Varuna*, respectivamente, conferindo-lhe o significado de “vínculo mágico”. Esse é também um atributo de Odin. A palavra “runa”, portanto, pode ter tido, desde os primórdios, o significado essencial de “mistério”.

Seja qual for o caso, pode-se constatar a presença da raiz germânica e celta *runo-*, a partir da qual a palavra se desenvolveu nos vários dialetos germânicos. Que a palavra “runa” é muito arcaica no sentido técnico, isso está claro em razão da sua atribuição universal com rico significado. A raiz é encontrada em todos os principais dialetos germânicos (veja a Tabela 1.1). O que fica claro a partir das evidências demonstradas nessa tabela é que “runa” é um antigo termo nativo, cujo significado mais ancestral pertencia à esfera do conceito abstrato (mistério), e *não* se referia a um signo concreto (letra). A definição “letra” é estritamente secundária, e o significado principal deve ser “mistério”.

Tabela 1.1. Significados da palavra “runa”.

Dialeto	Palavra	Significado
Nórdico antigo	<i>rūn</i>	segredo, tradição secreta, sabedoria; sinais mágicos; caracteres escritos.
Gótico	<i>rūna</i>	segredo, mistério.
Inglês antigo	<i>rūn</i>	mistério, conselho secreto.
Saxão antigo	<i>rūna</i>	mistério, segredo.
Alto-alemão antigo	<i>rūna</i>	mistério, segredo.

Essa raiz também é encontrada nas línguas celtas, nas quais encontramos as palavras *rūn* (mistério ou segredo), do irlandês antigo; e *rhin* (mistério), do galês médio.



Há quem afirme que essa raiz foi transmitida do celta para o germânico; no entanto, também há quem diga o contrário (e essas vozes são em maior número), porque os usos germânicos dessa raiz são mais vigorosos, difundidos e ricos em significado. Outra possibilidade é que se trate de uma raiz compartilhada pelos dois dialetos indo-europeus, e que não existe, nesse caso, uma questão real de empréstimo no sentido mais estrito. Talvez o termo também tenha sido emprestado do germânico para o finlandês na forma *runo* (uma canção, um canto da epopeia *Kalevala*), mas a palavra finlandesa pode, na realidade, partir de outro termo germânico, que significa “sequência” ou “série”.

Embora o termo “runa” seja claramente de origem germânica, a palavra hoje presente no inglês moderno não deriva diretamente do inglês antigo *rūn*, mas foi emprestada do latim acadêmico tardio (século XVII) – *runa* (adjetivo, *runicus*) –, que, por sua vez, foi emprestada das línguas escandinavas.

A definição odiana de runa é complexa e baseia-se no significado mais antigo da palavra – mistério, sabedoria secreta arquetípica. Esses são os padrões impessoais que fundamentam a substância/não substância do multiverso e que constituem seu ser/não ser. Cada uma dessas runas também pode ser analisada em pelo menos três níveis:

- ⊙ Forma (ideograma e valor fonético).
- ⊙ Ideia (conteúdo simbólico).
- ⊙ Número (sua natureza dinâmica, revelando sua relação com as outras runas).

Assim como acontece com seu Mestre, Odin, com as runas todas as coisas podem ser equiparadas ou negadas. Portanto, qualquer definição que faça uso de linguagem “profana” sempre será inadequada e incompleta.

Ao longo deste livro, quando a palavra “runa” for usada, deve ser considerada à luz dessa complexa discussão.

História rúnica antiga

O uso sistemático de varetas de madeira ou de pedras arredondadas gravadas com símbolos rúnicos data de pelo menos 50 EC (data aproximada do broche de Meldorf) e perdura até o presente. Porém, a estrutura tradicional e ocultista sobre o qual o sistema foi construído não pode ser considerada apenas em termos históricos – ela é a-histórica.



A história do sistema rúnico abrange, basicamente, quatro épocas: (1) o período mais antigo, do século I EC até cerca de 800 EC; (2) o período mais recente, que nos leva a cerca de 1100 EC (esses dois períodos são expressões de tradições rúnicas unificadas, vinculadas a uma simbologia coerente); (3) o período intermediário, longo e díspar, que testemunhou a decadência da tradição externa e sua submersão no inconsciente; e, por fim, (4) os períodos de renascimento. Embora o uso das runas continuasse numa tradição ininterrupta (mas muito corrompida) em áreas remotas da Escandinávia, a maior parte do nível profundo do trabalho rúnico aconteceu em escolas revivalistas, depois de 1600, aproximadamente.

Pode-se argumentar que o estudo histórico é, na verdade, desnecessário ou até prejudicial para aqueles que querem sondar as profundezas da realidade atemporal, a-histórica e arquetípica das próprias runas. Mas tal argumento teria suas desvantagens. Um conhecimento histórico preciso é necessário, porque instrumentos conscientes são fundamentais para que as runas renasçam dos reinos inconscientes; o estudioso moderno das runas precisa conhecer as origens das várias estruturas que entram em contato com a mente consciente. Somente nesse contexto o renascimento pode ocorrer num campo fértil. Para que isso aconteça, o aprendiz deve ter um bom domínio da história da tradição rúnica, pois sem as raízes os ramos murcham e morrem. Além disso, a observação analítica e a interpretação racional de dados objetivos (nesse caso, a tradição rúnica histórica) são fundamentais para o desenvolvimento de todo mestre rúnico e *vitki*. Se um sistema não está arraigado numa tradição objetiva, muitos elementos equivocados podem acessar facilmente nosso processo de pensamento. Clareza e precisão são ferramentas valiosas para o desenvolvimento interior.

Origens rúnicas

Como as runas (mistérios) não têm um único ponto de origem histórica, pode-se dizer que são atemporais. Quando falamos de origens rúnicas, estamos mais preocupados com as origens das tradições do sistema rúnico do Futhark. As questões relacionadas às origens rúnicas arquetípicas serão retomadas posteriormente. Pode-se dizer que as runas, na verdade, atravessaram muitas portas no caminho para a nossa percepção e passaram por muitos “pontos de origem” nos mundos.

Existem várias teorias sobre as origens históricas do sistema Futhark e seus usos nos dialetos germânicos como modo de escrita. Há basicamente quatro teorias: a latina,



a grega, a norte-italica (ou etrusca) e a “nativa”. Vários estudiosos ao longo dos anos defenderam uma dessas teorias; mais recentemente, uma síntese razoável foi apresentada, mas essa ainda é uma área de controvérsia acadêmica.

A teoria latina ou romana foi apresentada pela primeira vez por L. F. A. Wimmer, em 1874. Aqueles que aderem a essa hipótese normalmente acreditam que, como os povos germânicos tiveram contato mais próximo com a cultura romana (começando já no século II AEC, com a invasão dos cimbrós e dos teutões vindos da Jutlândia), ao longo do Danúbio (em Carnuto) e do Reno (em Colônia, Trier etc.), fizeram uma adaptação do alfabeto latino para poder usá-lo. As rotas comerciais teriam sido as vias pelas quais o sistema se difundiu rapidamente, da região sul para a Escandinávia e dali para o leste. Essa última etapa é necessária porque a evidência mais antiga do Futhark não é encontrada perto das fronteiras romanas e de suas esferas de influência, mas nos rincões mais distantes da Germânia, ao norte e ao leste. O papel das rotas comerciais na expansão do Futhark não apresenta nenhum problema real para essa teoria, porque essas rotas foram estabelecidas desde tempos ainda mais remotos. Os túmulos micênicos da Grécia atual (c. 1400-1150 AEC) contêm âmbar do Báltico e da Jutlândia, por exemplo. Mais recentemente, Erik Moltke apresentou a teoria de que o Futhark se originou na região da Dinamarca e teve como base o alfabeto latino.

Essa teoria ainda tem muitos seguidores, e alguns aspectos dela, que explicitaremos posteriormente, mostram sinais de importância futura. De qualquer modo, a influência dos elementos culturais trazidos pelos romanos para as fronteiras dos povos germânicos não pode ser descartada, sobretudo quando é discutida durante o período entre aproximadamente 200 AEC e 400 EC.

Deve-se ter em mente, ao avaliar essas teorias, que estamos restritos a questões relacionadas à origem da ideia de escrever com um sistema fonético (alfabeto), entre os povos germânicos, em conexão com a tradição rúnica, e não com a gênese do próprio sistema ou da tradição subjacente.

A teoria grega, apresentada pela primeira vez por Sophus Bugge em 1899, estende-se mais para o leste, ao tentar estabelecer as origens desse sistema de escrita. Segundo essa hipótese, durante um período de contato com a cultura helênica, os godos adaptaram uma versão da escrita cursiva grega e a disseminaram do Mar Negro até, novamente, a pátria escandinava dos godos. Há, no entanto, um grande problema com essa teoria, porque o período de contato do grego gótico em questão não poderia ter começado antes de cerca de 200 EC, e as inscrições rúnicas mais antigas datam de muito antes dessa época. Por essa razão, há muito tempo a maioria dos estudiosos invalidou essa hipótese.